

Recebido em: 18/01/2023

Aprovado em: 17/05/2024

Publicado em: 06/08/2024

EROTISMO, TRANSGRESSÃO E GOZO
um intercuro entre Georges Bataille e Jacques Lacan

EROTICISM, TRANSGRESSION AND PLEASURE
an intercourse between Georges Bataille and Jacques Lacan

Giovanni Vieira de Carvalho Novelli ¹
(g.novelli2013@gmail.com)

Resumo: O presente artigo tem como objetivo sustentar o surgimento do conceito psicanalítico de gozo a partir da obra de Georges Bataille. Nesse sentido, apresentaremos a compreensão batailliana de erotismo e como ela é entrelaçada com as noções de interdito e transgressão, de modo que esses conceitos foram formulados para sustentar uma filosofia fundamentalmente contra o utilitarismo e que sempre rompe com os limites previamente estabelecidos por nossa representação do mundo. Dito isso, tal empreendimento poderá demonstrar como Jacques Lacan se utilizou desses conceitos para apresentar sua concepção de gozo como algo avesso, assim como Bataille, ao utilitarismo e a integridade do corpo de cada sujeito. Sendo assim, apresentaremos, de um lado, a heterologia batailliana que sempre insistiu no caráter transgressivo daquilo que escapa e que é destituído de utilidade e, de outro, a forma como o gozo se utiliza da lei para poder existir como influência batailliana no ensino lacaniano.

Palavras-chave: Georges Bataille. Jacques Lacan. Heterologia. Gozo. Psicanálise.

Abstract: This article aims to support the emergence of the psychoanalytic concept of jouissance based on the work of Georges Bataille. In this sense, we will present Bataillian's understanding of eroticism and how it is intertwined with the notions of interdiction and transgression, so that these concepts were formulated to support a philosophy fundamentally against utilitarianism and that always breaks with the limits previously established by our representation of the world. That said, such an undertaking could demonstrate how Jacques Lacan used these concepts to present his conception of jouissance as something contrary, like Bataille, to utilitarianism and the integrity of each subject's body. Therefore, we will present, on the one hand, the Bataillian heterology that has always insisted on the transgressive character of that which escapes and is devoid of utility and, on the other, the way in which jouissance uses the law to be able to exist as a Bataillian influence on Lacanian teaching.

Keywords: Georges Bataille. Jacques Lacan. Heterology. Jouissance. Psychoanalysis.

¹ Mestre em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP (Campus Assis). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2501112836396450>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5477-7518>.



1 EROTISMO: DO INTERDITO A TRANSGRESSÃO

Em sua obra *O Erotismo* (2021b), Bataille deixa explícito desde o início a maneira que ele compreende pelo termo erotismo, uma vez que alega que é a “aprovação da vida até na morte” (2021b, p. 35). Podemos ver logo de início que o objetivo do autor francês é apresentar esse conceito enquanto algo que ultrapassa e perturba os limites previamente estabelecidos pelo campo da representação. Essa incitação ao rompimento da realidade se trata de uma tentativa de delimitar como, através do erotismo, o ser humano é capaz de uma disjunção entre sua natureza reprodutiva e, de outro lado, do ato sexual enquanto uma atividade erótica que busca - psicologicamente – romper os obstáculos pré-estabelecidos enquanto corpo humano ou por tabus.² Ou seja, isso significa afirmar que o “erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente por colocar em questão a vida interior”, uma vez que o “erotismo é, na consciência do homem, o que nele coloca o ser em questão” (Bataille, 2021b, p. 53, grifos do autor). O erotismo é capaz de questionar, nesse aspecto, não apenas o ser, mas a unidade do sujeito em seu caráter físico, imagético e psicológico. Nesse sentido, a união entre sexualidade e morte se trata unicamente da capacidade que o ser enquanto tal possui de reestruturar e realocar novos interditos de forma a dar corpo ao seu ser em toda a sua existência. Nas palavras de Bataille em seu ensaio *O Labirinto* (1985, p. 172, grifos meus), o “ser’ aumenta a agitação tumultuosa de uma vida que não reconhece limites”. Ou seja, a única forma de manifestação desse ser é através do rompimento com qualquer tipo de impeditivo – seja ele de ordem física, moral ou representativa. Mas por que existem essas interdições? Como afirma Bataille,

A única verdadeira razão que temos para admitir a existência muito antiga de tal interdito [da atividade sexual] é o fato de que em todos os tempos, e em todos os lugares, de que temos conhecimento, o homem se define por uma conduta sexual submetida a regras, a restrições definidas: o homem é um animal que permanece ‘interdito’ diante da morte, e diante da união sexual (Bataille, 2021b, p. 74, grifos meus).

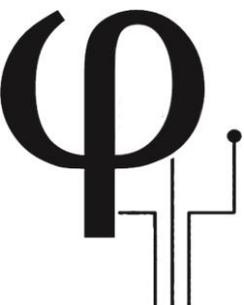
² Diferentemente do que Freud (2020b, pp. 324-325) entende pelo conceito de sublimação, podemos compreender que Bataille não tem como objetivo deslocar as metas pulsionais e desejantes para algo que é socialmente permitido para satisfazer parcialmente o sujeito. No seu caso, a leitura do fenômeno do erotismo permite-nos compreender que não se trata de evitar uma experiência angustiante presente no limite dos interditos, mas sim de ultrapassá-los e ignorar os limites do corpo e do social. Nesse sentido, podemos levar em consideração a seguinte afirmação: “Se por um momento atribuíssemos alguma validade nas considerações da psicanálise, nós teríamos que reconhecer que a psicanálise é limitada, é uma economia restrita [em comparação com] a economia geral do sexo e da morte de Bataille: é a psicanálise que é a sublimação, o mecanismo de defesa, construído na crença da identidade sólida” (Hegarty, 2000a, p. 184, grifos meus).



A partir dessa colocação, percebemos que a existência dessas proibições existe como forma de submeter a sexualidade a determinadas regras e restrições que, de acordo com o autor francês, é manifestada em toda e qualquer cultura. Dito isso, o sujeito de qualquer civilização possuiria em seu interior uma sexualidade que não é livre e totalmente alheia a qualquer interdição, mas sim de que há uma necessidade dessa atividade sexual e da morte – ambas inseparáveis de acordo com Bataille – serem limitadas e reguladas. A partir disso, vemos que o excesso e o horror sempre ultrapassam os limites previamente estabelecidos, uma vez que o ser representa uma vida sem limites e que sempre tenta subverter esses interditos da sexualidade que limitam a experiência interior – possuindo seu caráter horrendo e alheio a toda e qualquer representação.

Para lidar com essa categoria para além da representação, Bataille se utiliza da dualidade *continuidade-descontinuidade* para se referir especificamente, no primeiro caso, o caráter mortífero do existir que aparece nas transformações dos estados biológicos de reprodução e que possuímos uma nostalgia impossível de nos livrarmos. Com relação ao segundo termo, o autor alega que todos nós somos seres descontínuos por morrermos isoladamente no decorrer da vida - uma vez que a continuidade sempre interrompe, mesmo que a partir de meros instantes, a existência de cada um de nós. Em outras palavras, o autor francês tenta compreender essas conexões entre a continuidade e a descontinuidade através da reprodução sexual enquanto fenômeno que apresenta mais explicitamente a oscilação entre eles. Nesse sentido, sua análise parte de seres elementares e comparando-os com seres mais complexos: os primeiros dizem respeito a um modo de reprodução assexuado na qual resulta em dois organismos – tendo uma transição de um estado descontínuo (um ser) para um estado contínuo (na qual há uma separação desse ser em dois) e depois o retorno para o estado descontínuo (dois seres). Por outro lado, no segundo caso, Bataille se refere a seres complexos como os animais e, inclusive, seres humanos. A reprodução sexuada feita entre espermatozoide e óvulo são descontínuos e, em um instante de continuidade (o ato sexual), ambos deixam de existir para dar sequência a um ser distinto enquanto retorno à descontinuidade novamente. Nesse aspecto, como resume Bataille,

Na base, há passagens do contínuo ao descontínuo ou do descontínuo ao contínuo. Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. Suportamos mal a situação que nos prende à individualidade fortuita, à individualidade perecível que somos. Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração desse perecível, temos a obsessão de uma continuidade primeira, que nos religa geralmente ao ser (Bataille, 2021b, p. 39, grifos meus).



A partir da citação acima e da exemplificação de Bataille a respeito do ato sexual enquanto instante de continuidade, podemos perceber que o objetivo do autor de *História do Olho* é delimitar o fato de que esse ato é uma “experiência de perda ou dissolução dos limites do corpo” (Noys, 2000, p. 83). Sendo assim, o ato sexual é a violência e a perturbação encarnados de forma a demonstrar a perda da descontinuidade enquanto momento de demonstração da desintegração corporal na morte. Ou seja, o que vemos é a insistência de Bataille em estabelecer que a reprodução não pode ser completamente resumida ao campo da natureza, mas que mesmo nesse momento aparentemente mecânico, o erotismo paira como aprovação da vida até na morte através dessa oscilação de estágios da existência.³ Sendo assim, se entendermos que o erotismo é a aprovação da vida até na morte, podemos derivar disso o fato de que Bataille deseja ressaltar esse domínio enquanto essencialmente violência e perturbação por meio dessa oscilação entre continuidade e descontinuidade. Em outras palavras, chegar à continuidade significa revelar o caráter mais íntimo do ser por meio de atividades eróticas que desafiam o campo do possível. A partir disso, é possível afirmar que *o erotismo é inevitavelmente inseparável da morte e da violência, sendo a sua manifestação possível apenas nos momentos em que a vida sofre ameaças de sua destruição ao experimentar a violência da continuidade* – por isso é que a ligação entre o erotismo e a transgressão aparece (Hegarty, 2000b, p. 106; Minguy, 2017, p. 35). Sendo assim, Bataille deixa pistas de como o erotismo se manifesta:

A ação decisiva é o desnudamento. A nudez se opõe ao estado fechado, ou seja, ao estado de existência descontínua. É um estado de comunicação que revela a busca de uma continuidade possível do ser pra além do fechamento em si mesmo. Os corpos se abrem à continuidade através desses canais secretos que nos dão o sentimento da obscenidade. A obscenidade significa a perturbação que desordena um estado dos corpos conforme à posse de si, à posse da individualidade duradoura e afirmada (Bataille, 2021b, p. 41, grifos meus).

É através do ato do desnudamento – seja ele metafórico ou literal – que vemos a continuidade tomar corpo. Nesse sentido, esse ato é uma comunicação que abre espaço para a continuidade para além do sujeito por meio do sentimento de obscenidade. Ele é o responsável por desordenar e perturbar a unidade do indivíduo através da violência mortífera que os estados-

³ “Em *O Erotismo*, Bataille usa o termo ‘continuidade’ para designar ambos os estados de existências compartilhadas que advém da reprodução assexuada e da tentativa de atingir além da individualidade através do sacrifício, atividade erótica, risada, embriaguez e assim por diante. Essas tentativas lhe interessam porque ‘erotismo abre a via para morte. Morte abre a via para a negação das nossas individualidades’” (Hegarty, 2000a, p. 176, grifos do autor)



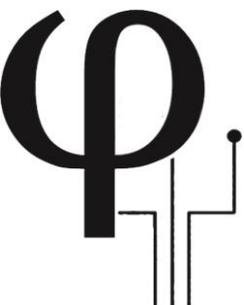
limite representam – sendo por isso que o autor de *História do Olho* insiste em ressaltar o temor da obscenidade. É a partir desse sentimento que Bataille começa a se indagar a respeito dos interditos e como os mesmos são introduzidos no sujeito e no interior da cultura, uma vez que são eles que regulam e limitam a sexualidade e a representação. De outro modo, eles foram criados pelo mundo do trabalho – homogêneo/descontinuidade – com o objetivo de excluir a violência no interior dos humanos, deixando explícita que a morte e a sexualidade são ligadas pelos interditos que o autor desenvolve mais à frente.

Nesse aspecto, compreendendo que os interditos foram introduzidos paralelamente ao trabalho enquanto forma do ser humano se distanciar dos animais, Bataille argumenta que essas proibições recaíram essencialmente aos mortos e, também paralelamente, a atividade sexual. Ou seja, podemos perceber, através dessa multiplicidade de proibições que a vida, de acordo com a perspectiva batailliana, opera entre os interditos e suas respectivas transgressões – mesmo que, ao serem vistos em seu exterior, os primeiros são considerados algo injustificado e de ordem patológica. As transgressões são conceitualizadas por Bataille como suspensão do interdito sem sua respectiva supressão (2021b, p. 59). Ou seja, estamos falando de algo que abre as possibilidades de o erotismo acontecer enquanto uma experiência de perda de si que ultrapassa seus limites em uma vertigem ininterrupta. Não se trata, nesse caso, de uma economia restrita da sexualidade, mas de um movimento de simbiose entre a vida e a morte que desafia os interditos – sendo esse movimento da transgressão algo inerente à oposição entre contínuo e descontínuo⁴.

Sendo assim, podemos compreender a transgressão como um “movimento em espiral” que funciona, através de uma pressuposição recíproca com o tabu⁵, como sustentáculo da vida humana. Esse tipo de interpretação nos permite compreender a estrutura paradoxal da transgressão não simplesmente enquanto uma infração do indivíduo com relação ao interdito, mas de algo que não pode ser devidamente organizado espacialmente ou temporalmente. Nesse aspecto, a transgressão ultrapassa os limites da sexualidade e da razão para se tornar algo enigmático, sem imagem ou corpo, uma vez que estamos lidando com algo da ordem do

⁴ “A existência descontínua é vista por Bataille de forma autoritária e hierárquica (como o homogêneo do qual já falamos). Essa descontinuidade é o estado no qual é possível manter a unidade do Eu e se opor contundentemente ao estado contínuo do caos. Dito isso, os princípios racionais que criam essa estabilidade da consciência é exatamente o que o caos da continuidade procura erradicar e transgredir” (Minguy, 2017, p. 39).

⁵ “O tabu é universalmente presente em todas as culturas, ao mesmo tempo que o mesmo funciona como um mecanismo de defesa que cria um espaço para aquilo que deve ser defendido. Nesse caso, o tabu tem como objetivo, de forma paradoxal, reduzir e manter nosso medo diante de uma determinada proibição de forma a negar a natureza e controlá-la; bem como de impedir, de forma violenta, o movimento da continuidade presente em todos nós como experiência interior” (Hegarty, 2000b, p. 108; Minguy, 2017, p. 37).



impossível. Ela funcionaria especificamente como algo que supera os limites previamente estabelecidos da representação de forma refletida ou irrefletida, ao mesmo tempo que pode integrar coletivamente o poder do interdito – elevando-o para níveis extremos. Estamos falando aqui de um movimento que não é simplesmente quebrar regras e tabus, mas de ressaltá-los enquanto algo que existe e, ao mesmo tempo, demonstrar a dimensão externa de ambos. Se estivermos corretos, a transgressão tende a esfera irracional enquanto intensidade máxima que supera todos os interditos pré-estabelecidos pelo corpo, pela unidade da consciência e pela moralidade proveniente da sociedade. Essa é a esfera da continuidade enquanto caos que sempre ameaça o estado descontínuo – o qual a transgressão sempre tende à desintegração através da obscenidade, do sexo e da morte. No momento em que há transgressão, ocorre a fluência do erotismo em todo o seu potencial e possibilita a existência do prazer mortífero do sujeito. É nesse sentido que podemos entender afirmações bataillianas unindo a sexualidade com a morte: ao transgredir o interdito e se utilizar dele para tal, ocorre a sua suspensão temporária para dar espaço ao erotismo como abertura da continuidade caótica e fatal mediada pela obscenidade (Bataille, 2014b, p. 57; Foucault, 2001, p. 33; Hegarty, 2000b, p. 109; Joron, 2013, p. 160 e SS.; Noys, 2000, p. 91).

A partir disso, que tipo de interdito suscitaria a transgressão e abertura para o erotismo? Como dissemos, as proibições iniciaram sua existência concomitantemente ao início da atividade laboral no mundo pré-histórico – permitindo assim, que Bataille compreendesse a última como uma negação da violência interior e seu respectivo excesso ao qual a razão não pode suportar. O trabalho então se torna a peça fundamental para transformar as relações humanas e a relação deles com seus tabus; ou seja, o mundo do trabalho é formado a partir da negação dessa violência, a qual Bataille resume na morte e na reprodução sexual. Nesse primeiro caso, ao investigar os dados pré-históricos das proibições correspondentes à morte, o autor d’*O Erotismo* ressalta a forma que os humanos lidam com os mortos. O horror proveniente ao cadáver, nascido historicamente a partir do surgimento do *Homo sapiens*, tem a ver com o fato de que o “*interdito* que se apossa dos outros à vista de um cadáver é o recuo em que *rejeitam a violência*, em que *se separam da violência*” (Bataille, 2021b, p. 68, grifos do autor). Ou seja, a violência é uma ameaça não apenas a integridade do sujeito, mas também uma desordem incontrolável ao qual o trabalho não teria como possibilidade regulá-lo. Sendo assim, a sepultura foi o símbolo no qual representou a negação e o horror à morte no interior das culturas humanas – a qual possibilitou não precisar lidar momentaneamente com o destino de todos os seres. Além disso, Bataille ressalta o interdito do assassinato, o qual tem relação com a forma que a comunidade construiu a sua própria imagem alheia à violência interior. Essa, ao



imaginar estar desconectada com a morte, acaba transpondo-a para a imagem do corpo estrangeiro ou as guerras que assolam a história das civilizações – a qual poderíamos resumir na fórmula de catástrofe permanente (Adorno, 2009). Nesse sentido, o interdito relacionado ao assassinato, por mais que seja contraditório ao mandamento bíblico, não significa que não poderá ser transgredido, uma vez que essas transgressões múltiplas se utilizam do interdito de modo a atingir seus objetivos. Tal imagem fica clara uma vez que, como alega Bataille, “derrubar uma barreira é por si só algo atraente” (2021b, p. 72).

Por outro lado, os interditos relacionados à reprodução elencados por Bataille são o incesto e, além disso, o sangue do parto e da menstruação. No primeiro caso, como dissemos anteriormente a respeito da existência do interdito, a existência deles se dá pela regulação da conduta sexual. Esse tipo de conduta varia de acordo com as culturas relacionadas a moralidade presente no contexto histórico e social, mas que, de qualquer forma, possui um núcleo universal que sustenta determinadas proibições. Nesse caso, o incesto se manifesta como um tabu informe e invisível, pois ele não é considerado algo reproduzido através da educação e que, ao mesmo tempo, não é contestável. Nesse sentido, não há, de acordo com Bataille, algo mais horrendo do que o incesto dentro de todos os tabus relacionados à sexualidade. Outrossim, o horror ao sangue menstrual e o sangue do parto são manifestações da violência interna – uma vez que o sangue, em si mesmo, é signo primordial dessa violência. Tanto o líquido menstrual quanto o líquido do parto tem consigo “o sentido da atividade sexual e da mácula que emana dela [da violência]: a mácula é um dos efeitos da violência” (Bataille, 2021b, p. 78). Ou seja, o sangue proveniente desses dois eventos é tido pelo autor francês como signos primordiais da violência interna, uma vez que eles revelam um excesso e um dilaceramento dos atos comumente ordenados. São eles a manifestação do interdito informe e do sentimento de horror que ambos suscitam no sujeito ao qual Bataille sempre tenta ressaltar.

A partir disso, percebemos que tanto a morte quanto a sexualidade são interligadas nos interditos ressaltados por Bataille, uma vez que, no mundo do trabalho que vivemos, a negação desses eventos enquanto manifestação da violência é uma prioridade na cultura ocidental. Nesse sentido, o horror embutido nesses tabus é algo que diz respeito a natureza do desejo, uma vez que a premissa batailliana é de que o *princípio do desejo é o horror amoroso* (Bataille, 2021b, p. 84). Partindo disso, precisaremos lidar com a forma que ele movimenta o sujeito em direção à dimensão angustiante da transgressão. Sendo o ato sexual um ato transgressor por oscilar entre a continuidade e a descontinuidade, podemos perceber que ele excede o mundo profano resumido pela dinâmica dos interditos e do trabalho, de forma a considerar o fato de que é “*sagrado* o que é objeto de um interdito” (Bataille, 2021b, p. 91, grifos do autor). Partindo

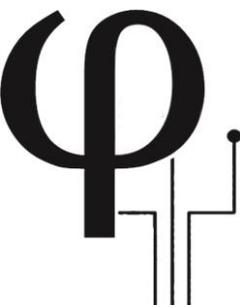


disso, compreendemos o caráter social dessa compreensão dos interditos e transgressões, pois ambos são considerados um conjunto que determina não apenas o sujeito, mas também define a vida social através da moralidade que atravessa ambos os campos ao se referir a violência do ser⁶. Nesse aspecto, o ato sexual funciona como um processo de transgressão dos limites do sujeito que, de diversas formas revela a perda da integridade do Eu ao oscilar entre esses registros da existência. Nessa direção, como diz Minguy a respeito do ato sexual,

Na transgressão dessa pessoa única [...] o que é revelado é a verdade da existência: a impossibilidade de fazer sentido para sua própria existência, na qual nós somos parte desse exuberante movimento de energias. *No momento erótico, o que é sacrificado é a aparente necessidade da nossa individualidade. Na transgressão da individualidade, a chance que governa o mundo aparece, e não há deus, não há destino, mas apenas esse momento impossível com essa impossível pessoa. [...]* [Nesse sentido,] *nós precisamos descobrir no amor erótico para o nosso amante a impossibilidade de uma existência séria e de estabilidade. O derretimento da seriedade e estabilidade, o que é revelado é a impossibilidade de uma resposta para a nossa existência, porque nessa exuberante existência contínua, apenas a chance governa* (Minguy, 2017, p. 49, *grifos meus*).

Dessa forma, o ato amoroso é o momento de revelar a própria impossibilidade no cerne da existência, a qual tem inevitavelmente a ver com a perda de unidade do eu no momento do ápice, do limite, da fluidez total do erotismo enquanto aprovação da vida até na morte. Desse modo, a individualidade é ignorada e quase destruída para dar lugar ao que Bataille entende por chance: o jogo com o acaso e o momento de exigir uma comunicação com o outro. Nesse aspecto, a obscenidade, a qual funciona como condição de possibilidade para a fluidez do erotismo em seu movimento transgressor, é acompanhada por uma vontade de chance que, em outras palavras, tende a unir dois corpos em um instante de existência contínua. Essa continuidade é o momento pelo qual a dissolução dos sujeitos aparece e, ao mesmo tempo, apresenta a possibilidade de um ato do que Bataille denomina soberania: uma forma de liberdade e de salvação através da experiência da transgressão. Se estivermos corretos, é na direção da soberania que o horror – enquanto princípio do desejo – direciona o sujeito. Dessa

⁶ “A abordagem de Bataille da crítica moral é concernente não com descobrir as ainda profundas *fundações* da subjetividade, mas em *desdobrá-las* –; com a forma de expressão que leva o sujeito auto encapsulado monadicamente a *retornar à intimidade de um contexto vital que se tornou alheio, confinado, retirado e fragmentado*. Para Bataille, uma perspectiva completamente diferente de Heidegger, é aberta com essa ideia de desdobramento: *um sujeito transcendente não é destronado e desapoderado em favor de um dispêndio superfundacionista do Ser; em vez disso, a espontaneidade recebe de volta suas pulsões transgressoras*” (Habermas, 1984, p. 82, *grifos meus* e do autor)



maneira, precisaremos ressaltar o tipo de experiência que ele enuncia: a angústia enquanto cerne dos processos transgressores dos interditos.

A angústia é, para Bataille, a consequência da transgressão enquanto subversão do interdito. Nesse sentido, a experiência interior fornecida pelo erotismo em seu fluxo mortífero é a manifestação máxima da angústia, uma vez que nele o “ser descontínuo é revelado como tal *enquanto parte da continuidade – i.e. morte e erotismo*” (Hegarty, 2000b, p. 112, grifos do autor). Sendo assim, esse ser descontínuo é apresentado a sua dimensão contínua no momento em que a transgressão ameaça a sua integridade em conjunto com o erotismo. O Eu é então, nesse caso, direcionado, de acordo com Bataille em seu texto *O Colégio de Sociologia*, a um dos dois possíveis caminhos que o ser pode tomar: “a formação de organizações duráveis e forças conquistadas, a outra levando, *através do intermediário de dispêndios de força e de excesso crescente, para a destruição e morte*” (Bataille, 1985, p. 252, grifos meus). Nesse último caso é onde a revelação da angústia enquanto sinal da transgressão e da fruição do erotismo aparece. Essa colocação deixa explícito o fato de o indivíduo possuir dentro de si a possibilidade de se encaminhar para a vida e suas respectivas forças e, de outro lado, as diferentes formas de dispêndio que é diretamente relacionado a sexualidade e a morte. Além disso, demonstra que esse último caminho é o que suscita não apenas a transgressão enquanto ameaça da integridade do sujeito, mas também o tabu como produção incessante de angústia. Nesse sentido, como diz Bataille,

Se observarmos o interdito, se lhe somos submissos, deixamos de ter consciência dele. Mas experimentamos, no momento da transgressão, *a angústia sem a qual o interdito não existiria: é a experiência do pecado. A experiência conduz à transgressão acabada, à transgressão bem-sucedida, que, conservando o interdito, conserva-o para dele gozar. A experiência interior do erotismo exige daquele que a faz uma sensibilidade não menor à angústia que funda o interdito do que ao desejo que leva a infringi-lo* (Bataille, 2021b, p. 62, grifos meus e do autor)

A partir dessa colocação, podemos afirmar que o tabu é indissociável à angústia. Ou seja, a experiência da transgressão, no momento em que a porta para o erotismo se abre, *é necessariamente uma experiência angustiante por se utilizar do interdito como forma de adquirir o prazer até o ponto da desintegração do Eu na morte*. Por esse fator é que a angústia é o afeto essencial do erotismo enquanto algo que ultrapassa todo e qualquer limite imposto ao prazer. Em outras palavras, pode-se dizer que a transgressão é um tipo de falha do Eu no momento em que ele tenta se manifestar e no momento em que ele tenta se desdobrar além de si mesmo no prazer erótico (Hegarty, 2000b, p. 112). Essa falha é a transgressão enquanto



manifestação do sujeito ao atingir seus limites para além da linguagem e da imagem. Em outras palavras, o erotismo é, através dessa falha que é a transgressão, *o momento em que o sujeito ultrapassou seus limites e o prazer foi destituído para dar lugar a angústia, a dor e ao sofrimento que a desintegração do Eu representa – sendo esse momento em que a diferenciação entre prazer-desprazer é completamente suprimida*. Por fim, é possível concluir que o erotismo levou Bataille “ao insight que o conhecimento do que é essencial é reservado para experiências místicas, para um silêncio iluminado” (Habermas, 1984, p. 102). Esse silêncio é o último momento dessa crítica que Bataille empreende contra esse mundo homogêneo, do trabalho e da perspectiva utilitária.

Em suma, podemos resumir o trajeto que fizemos até aqui da seguinte maneira: passamos pela obra de Georges Bataille com o objetivo de compreender as bases conceituais não apenas do dispêndio, mas também sua dimensão mortífera manifestada no sacrifício formulada como quebra da lei em oposição a religião opressiva em conjunto com o capitalismo e seus processos de racionalização. Além disso, compreendemos como o autor da *História do Olho* concebeu a relação do interdito com a transgressão através do erotismo enquanto prazer transgressor dos limites do corpo: é aqui onde teremos a possível ponte que gostaríamos de delinear entre a psicanálise em chave lacaniana e a teoria batailliana – uma vez que, através do conceito de gozo formulado por Jacques Lacan, sustentaremos que tal conceito é, indubitavelmente, formulado a partir da noção de erotismo de Georges Bataille. Se compreendemos que a base do conceito de erotismo foram as noções de dispêndio e sacrifício, perceberemos que essa continuidade é algo atrelado a noção paradoxal do gozo. Esse último é da ordem do que, na teoria lacaniana, é chamado de Real: o campo que escapa a todos os processos simbólicos e imagéticos e, além disso, é condição de possibilidade para a existência de ambos. Tal registro é, como pretendemos explorar em conjunto com o gozo, atrelado ao impossível, fora da representação e o lugar onde os limites entre prazer e desprazer deixam de existir.

2 JACQUES LACAN: DO EROTISMO AO GOZO

Como vimos, a perspectiva do excesso que atravessa a obra de Bataille mobiliza os conceitos por nós analisados como o dispêndio, o sacrifício e o erotismo. Neles pudemos perceber que a teoria batailliana a respeito do excesso diz respeito a uma crítica ao sistema socioeconômico que vivemos ao qual mobiliza um princípio de perda. Esse princípio, como



já explicamos, está implícito às dinâmicas econômicas por se tratar de um processo de consumação e que possibilita o entendimento do capitalismo enquanto algo inerentemente irracional. Nesse contexto, se a categoria de homogêneo é necessariamente repressiva no interior dessa sociedade de modo de produção capitalista, isso significaria dizer que o sujeito é quem padece dessa repressão por representar, enquanto uma experiência violenta, essa irracionalidade que deve ser enfraquecida e mitigada. Isso fica explícito a partir do momento que compreendemos como esse homogêneo é responsável por revelar essa opressão que temos implícita a categoria de utilidade. Desse modo, se tudo é visto com essa perspectiva utilitária pelo capitalismo, é preciso que nós nos concentremos especificamente naquilo que possibilita a repressão e interdição dessa irracionalidade e inutilidade e, de outro lado, surja como justificativa fundamental dessa renúncia: o trabalho. É essa categoria que possibilitará não apenas a compreensão do campo social enquanto repressão da experiência do excesso, mas também como o diagnóstico batailliano de que o trabalho é uma oposição radical ao campo do erotismo pode nos fornecer pistas a respeito do modo como o prazer é compreendido e combatido pelo social. Nesse sentido, Bataille alega que

A utilidade tem teoricamente como finalidade o prazer – mas somente sob uma forma moderada, pois o prazer violento é tido como patológico – e se deixa limitar, por um lado, à aquisição (praticamente à produção) e à conservação das vidas humanas (acrescenta-se aí, é verdade, a luta contra a dor, cuja importância é suficiente, por si só, para indicar o caráter negativo do princípio de prazer introduzido teoricamente na base). (...) No conjunto, porém, qualquer julgamento geral sobre a atividade social subentende o princípio de que todo esforço particular deve ser redutível, para ser válido, às necessidades fundamentais da produção e da conservação (Bataille, 2014a, pp. 19-20, grifos meus e do autor).

Ou seja, estamos vendo que a perspectiva utilitária de mundo detém de forma intrínseca o prazer como algo inerente a vida humana. Seguindo esse raciocínio, percebemos que essa visão de mundo possibilita unicamente um prazer administrado dentro de formas moderadas, uma vez que permite apenas a aquisição de produtos e a conservação das vidas humanas através das necessidades básicas e da tendência de satisfazer o princípio de prazer teorizado por Sigmund Freud (2020c). Nesse aspecto, percebemos que o gasto energético do ser humano está diretamente submetido às necessidades intrínsecas ao capitalismo e, além disso, em como ele fornece as coordenadas para a sobrevivência do indivíduo nesse contexto social mediante a atividade laboral. Ela é a verdadeira instância produtiva do capitalismo e que estará a serviço do mesmo através da perspectiva utilitária em todas as suas ações e possibilidades. Sendo assim, o improdutivo é completamente negado em prol da existência do trabalho e



considerado a ameaça que representa a desintegração social – sendo por esse motivo a festa e o jogo experiências que simbolizam esse improdutivo e que, ao mesmo tempo, devem ser negadas⁷. No entanto, como vimos, a verdadeira ameaça ao campo social é a categoria de homogêneo e que, resumida na noção utilitária, apresenta um sujeito que é submetido apenas a reprodução e da conservação do modo de produção capitalista. Ou seja, estamos falando de um sujeito oprimido pela utilidade e que resumiu sua vida na atividade laboral. Nesse aspecto, como diz Bataille a respeito dessa temática:

O trabalho exige uma conduta em que o cálculo do esforço, relacionado à eficácia produtiva, é constante. *Exige uma conduta razoável, em que os movimentos tumultuosos que se liberam na festa e, geralmente, no jogo, não são admitidos. Se não pudéssemos refrear esses movimentos, não poderíamos trabalhar, mas o trabalho introduz justamente a razão de refreá-los. Esses movimentos dão aos que cedem a eles uma satisfação imediata: o trabalho, ao contrário, promete àqueles que os dominam um proveito ulterior, cujo interesse não pode ser discutido senão do ponto de vista do momento presente. [...] [N]a maior parte do tempo, o trabalho é a tarefa de uma coletividade, e a coletividade deve se opor, no tempo reservado ao trabalho, a esses movimentos de excesso contagioso nos quais nada mais existe senão o abandono imediato do excesso. Ou seja, à violência* (Bataille, 2021b, p. 64, grifos meus).

A partir dessa citação, percebemos que o sujeito é instrumentalizado para o trabalho e, além disso, que toda a possibilidade de prazer está resumida em uma promessa de satisfação futura. Desse modo, toda conduta considerada transgressora no interior do trabalho tende a ser suprimida, administrada e realocada para que o excesso deixe de se manifestar em prol da lógica do sistema capitalista. Ou seja, estamos falando de uma subjetividade que é ininterruptamente oprimida e com suas respectivas satisfações adiadas ou extintas por serem consideradas o signo da desordem. Porém, isso não é algo aleatório, uma vez que, como comenta Bataille (2005, pp. 16-17), o prazer é ligado a excitações que determinam a estabilidade e a instabilidade do Eu; e que, no caso das últimas, se trata de um tipo de descarga violenta e penosa de energia. Em outras palavras, o autor francês identifica no prazer uma ambiguidade que direciona o indivíduo ao prazer, mas um prazer mortífero por se tratar de algo que está no ponto da dor. Esse tipo de tensão faz parte do prazer e representa um estado de cegueira, um estado o qual atinge o erotismo violento e ilimitado que ameaça a categoria de homogêneo. É por esse motivo que o

⁷ “Tal modelo é indissociável da noção de ‘utilidade’, assim como de um tempo no qual as atividades são medidas tendo em vista o cálculo dos esforços, tendo em vista o cálculo dos esforços e investimentos, tendo em vista a ‘eficácia produtiva’ com sua recusa ao desperdício enquanto horizonte supremos de moralidade de nossas ações. Há uma capacidade de controle a partir da possibilidade de prever resultados e grandeza que funda o trabalho como modo de apropriação de minha força e dos objetos. Controle encarnado no primado da utilidade” (Safatle, 2020, p. 62).

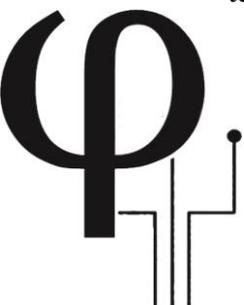


interesse de Bataille a respeito do psíquico, da religião e dos afetos no interir da política fascista foi parte implícita de uma crítica da modernidade fundamentada a partir da categoria de utilidade. É ela que é a chave para a compreensão de sujeito desenvolvida pelo autor d’*O Erotismo* e que é necessária também na compreensão da relação entre esse autor e o psicanalista Jacques Lacan.

Dito isso, que tipo de sujeito estamos lidando na obra batailliana e o que ele tem a ver com o sujeito da psicanálise lacaniana? Acompanhando o desenvolvimento de Carolyn Dean (2016, p. 310), percebemos que Bataille se utilizou da fusão entre proibição e transgressão feita pelos surrealistas para desenhar novos limites – os quais foram formulados a partir de uma proibição paterna ambigualmente prazerosa (essa tomada de empréstimo da psicanálise) ou em um tipo de cura de ordem patológica (como por exemplo o crime ou a autopunição desenvolvida pela psiquiatria e psicanálise na França do começo do século XX). Ou seja, se trata de compreender que tal fusão é uma metáfora para um tipo de alteridade já simbolizada e que, paradoxalmente, de um sujeito que foi perdido ao tentar se curar nesse processo. É essa subjetividade perdida e informe que pretendemos compreender, de modo a subscrever o desejo e sua sexualidade como lócus da transgressão da lei. Nesse sentido, como diz Dean,

Em Bataille, o desejo de ser culpado resulta não no crime, mas na aderência a lei paterna. Isso ocorre porque a lei é já definida em termos de uma castração; a lei é em si mesmo sempre culpada. A lei não pune transgressão, mas constitui a sexualidade como uma transgressão proibida; a lei é de fato a tautologia para as transgressões dos filhos. Transgressão é então vivida como a lei (nós recordamos que o pai de Bataille sustentou a lei destruindo-a); a perda do eu é vivida como o momento constituinte da individualidade. O eu não resiste ou rivaliza mais com a lei, uma vez que nasceu culpado (Dean, 2016, p. 311, grifos meus e do autor).

Desse modo, o sujeito batailliano tem como similaridade com a psicanálise lacaniana um tipo de subjetividade que é, desde o início, recalcada em seu desejo por ser a “alteridade da lei” e se constituir fora da linguagem – ou, em termos lacanianos, como algo da ordem do Real. Ao constituir a própria subjetividade, o sujeito é expulso da linguagem e a sua respectiva transgressão é, paradoxalmente, a manutenção da lei paterna. Nesse processo, o sujeito perde-se e vive seu prazer como algo *estruturalmente e intrinsecamente recalcado*, uma vez que ele é necessariamente castrado pelo significante do Nome-do-pai (*Nom-du-Père*) e, ao mesmo tempo, está para além de qualquer imagem presente no estágio do espelho (Lacan, 1999a, 1999b). Dito isso, o campo do prazer é algo que acompanha esse recalque da subjetividade pelo fato do prazer apenas ser possível existir pela existência desse recalque. Se o prazer

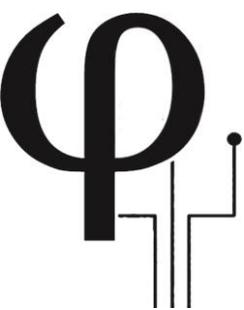


apenas pode ser experienciado como algo proveniente do desse último, isso significa dizer, em outras palavras, que toda e qualquer experiência de êxtase proveniente do sujeito do desejo – seja batailliano ou lacaniano – é algo transgressor e que desafia os limites do campo da experiência. Sendo assim, o prazer do sujeito é permeado pela lógica de ser culpado através da auto-punição do supereu enquanto algo “que não é vivido como uma patologia, regressão, ou um desenvolvimento aprisionado, *mas como a verdadeira constituição do homem civilizado*” (Dean, 2016, p. 312, *grifos meus*). Sua própria construção é o que fundamenta esse prazer paradoxal que, em termos psicanalíticos, Lacan denominará como o gozo e que constitui, de forma problemática, o sujeito na atualidade. O homem civilizado é visto como um sujeito perdido e cindido na contemporaneidade de forma a demonstrar seu desejo de modo contraditório na obra de ambos os autores. Nesse sentido, em Bataille, “o desejo é infinito por ser a única via para o gozo”, pois “ele termina por se confundir com o último notadamente na transgressão” (Lippi, 2005, p. 258). Nesse sentido,

Se o desejo que marca o nascimento de um movimento de procura do prazer se liga a jovem instabilidade e a indeterminação constitutivas do jogo podem à vontade ligar o desejo a velhice, *assim o desejo que se liga essencialmente a beleza, a vida, a limpeza, é a base suscetível de se reportar sobre a feiura, sobre a morte ou a sujeira. A incerteza do jogo flexiona as possibilidades do prazer de forma mais delirante a tal ponto que dor mesma, ao contrário do prazer, pode ser desejada por aquele que procura o prazer* (Bataille, 2005, p. 21, *grifos meus*).

Como coloca a afirmação acima, o desejo é o nascimento de um movimento que procura o prazer (como aparece no princípio de prazer freudiano). No entanto, a ambiguidade relatada por Bataille é o fato desse desejo estar ligado ao prazer de forma excessiva em direção da dor. O que significa dizer que esse tipo de prazer ignora os limites impostos pelo corpo de modo a atingir níveis que, a princípio, seriam interpretados apenas como dor – que, nesse caso, se mesclam em torno de um gozo. Por outro lado, em Lacan, o desejo é visto como uma falta enquanto resultado do processo de simbolização de algo mortífero e em si mesmo transgressor. Ou seja, isso significa dizer que o limite da atuação do desejo enquanto lei simbólica é o falo enquanto representante da castração. É ela que impossibilita um tipo de gozo total, ao mesmo tempo que direciona o desejo para o gozo transgressor.

Como dissemos, a sociedade contemporânea é conceitualizada por Bataille como campo do homogêneo, o qual é opressivo com a subjetividade por estar sempre impedindo sua verdadeira manifestação através dos interditos e do trabalho. Essas foram as formas que a mesma se utilizou para impedir que a violência do erotismo possa aparecer enquanto

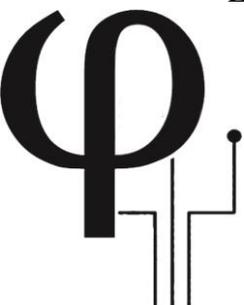


manifestação do heterogêneo. Desse modo, o paradoxo presente na obra batailliana é que, ao transgredir tais tabus como forma de liberar a passagem para o erotismo enquanto manifestação máxima da subjetividade, o indivíduo reafirma esses interditos – uma vez que o próprio Bataille considera que a transgressão suspende a proibição sem propriamente suprimi-la. Desse modo, há outra similaridade com o sujeito do inconsciente que percebemos: na psicanálise de Jacques Lacan, essa subjetividade é necessariamente recalcada de modo a não se restringir ao campo imaginário e o campo simbólico, uma vez que ela é obrigatoriamente algo da ordem do impossível. Nesse sentido, a manifestação máxima desse sujeito é necessariamente transgressiva por aparecer mediante o que o autor chama de gozo: um prazer que, concomitantemente com o erotismo batailliano, é de ordem mortífera por se referir a um tipo singular de repetição dolorosa e, de outro lado, inconscientemente prazerosa enquanto um “fenômeno de borda” da experiência humana. A respeito disso,

É ao ponto que nós chegamos à fórmula que uma transgressão é necessária para aceder a esse gozo [jouissance] e que, para reencontrar São Paulo, é precisamente para isso que serve a lei, que a transgressão no sentido do gozo somente se efetiva apoiando-se no princípio contrário sob as formas da lei. Se as vias para o gozo possuem qualquer coisa nelas mesmas que as amortecem, que tende ao impraticável, é a interdição que lhe serve, se posso dizer, de veículo utilitário, de tanque para sair desses círculos que trazem sempre o homem, sem saber o que fazer, para a rotina de uma satisfação curta e tripudiada (Lacan, 1978e, SVII, pp. 285-286, grifos meus).

A partir dessa colocação, percebemos que a transgressão é, necessariamente, a fórmula necessária para chegar ao gozo. Nesse sentido, tal colocação feita por Lacan deixa explícita sua aproximação com Bataille: a lei serve para que a transgressão possa existir e, além disso, é ela que possibilita a introdução do ser humano a uma satisfação paradoxal e meramente parcial. Acompanhando Lippi (2008, p. 42), o gozo proveniente do interdito é um gozo que demonstra a impotência do sujeito, ao mesmo tempo que abre brecha para gozar da sua impossibilidade. Sendo assim, contraditoriamente, esse gozo é uma transgressão da lei enquanto algo que não pode ultrapassar o princípio de prazer e a lei simbólica. É aqui que percebemos como é paradoxal a figura do desejo por visar o gozo ao mesmo tempo que o impede de existir: apenas o gozo do limite da lei é que pode ocorrer. Mediante essa lei que é possível buscar o infinito e a continuidade através do finito e da descontinuidade existente na vida humana e que, tanto Lacan quanto Bataille, consideram essa experiência ligada ao horror.

Dito isso, se em Bataille a transgressão é uma experiência de um desejo ilimitado que pode aceder até a morte enquanto erotismo, não seria esse movimento o equivalente ao gozo



na teoria lacaniana? No primeiro caso, como analisamos, o erotismo é a aprovação da vida até na morte no sentido de uma forçagem, de um excesso, de uma transgressão do interdito que abre portas para um prazer mortífero enquanto limite da representação e da experiência humana⁸. No segundo caso, vemos que o desejo funciona como uma barreira ao gozo, uma vez que o primeiro foi capturado pela linguagem e impede a sua respectiva realização em sua transgressão para atingir o segundo (Lacan, 1999c, pp. 305-306). Dito isso, percebemos que a relação da transgressão com a lei é interdependente em ambos os autores, pois a primeira necessita da segunda. No entanto, isso não significa dizer que ambos consideram a transgressão a mesma coisa, uma vez que

A transgressão representa, para Bataille, o imprevisto, a única possibilidade de sair do cálculo, do sério, do trabalho que aliena. E, para Lacan, a transgressão é uma astúcia, um stratagem para poder gozar, graças ao fantasma. Gozar: mas com a condição de admitir a castração, de aceitar um gozo que passa pelo corpo e pela linguagem ao mesmo tempo, um gozo ‘insatisfeito’, pronto a aceitar o oxímoro (Lippi, 2009, p. 182).

Sendo assim, percebemos que a aproximação entre os dois autores é possível até certo ponto: *a sua relação do desejo com a lei é a chave que nos demonstra como ambos os autores possuem uma proximidade*. Se por um lado Bataille compreende que a transgressão é o que retira o indivíduo do universo utilitário ao abrir vias para o erotismo; de outro lado, Lacan considera que ela, em conjunto com o fantasma, é o meio pelo qual podemos ter acesso ao gozo – o qual também é uma instância negativa, destituída de utilidade e algo que implica na aceitação da morte (1978a, SVII, p. 302; SXX, p. 11). É por essa via que podemos compreender que a transgressão não é apenas a mediação ao gozo enquanto algo de natureza mortífera, mas também um elemento que serve como crítica da concepção utilitária do mundo e que se iguala ao erotismo batailliano. A partir disso, vemos que o gozo é essa experiência imaginária e mediada pelo fantasma, a qual é sempre barrada e parcial por estar relegada a castração - a qual ao retornar ao sujeito, se manifesta enquanto dor, sofrimento e culpa. Como alega Noys (2000, pp. 32-33), o caso de Bataille é singular por não estar limitado a essa dinâmica da castração como aparece no “retorno a Freud” empreendido por Lacan. Se nesse último o gozo aparece de forma controlada pela lei simbólica - a qual permite apenas os restos do Real em zonas erógenas

⁸ Importante lembrar que o erotismo acompanha o movimento do desejo uma vez que, para Bataille, “o desejo é desejo de limites e desejo de ir além dos limites: a transgressão ultrapassa e nunca para de recomeçar a ultrapassar. Mas a transgressão não pode ir além do ‘universo estrelado’. A transgressão não é mais do que imaginação, e o limite não existe fora do entusiasmo que a atravessa e a nega” (Lippi, 2009, p. 178, *grifos meus*).



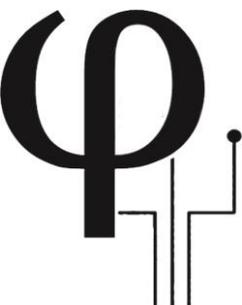
e sintomas –, no caso de Bataille esse impossível não pode ser reduzido a leitura lacaniana por não se reduzir a esses termos⁹.

Desse modo, em ambas as posições teóricas, o desejo é mortífero e transgressor da lei por possuir em sua natureza algo que mobiliza essa tensão constante com seus limites. Além disso, o gozo é algo que ocorre a partir da transgressão e serve como instrumento de crítica à noção utilitária por não servir para nada e ser parte da aceitação da vida até na morte. Nesse sentido, Lacan se utiliza da noção de erotismo batailliano para compreender como o gozo pode ser conceitualizado em moldes psicanalíticos e como o sujeito o vivencia. No entanto, é preciso ressaltar que os empréstimos lacanianos à teoria batailliana não se limitam ao erotismo, uma vez que a conceitualização do registro do Real enquanto uma realidade psíquica é vista, inclusive, como “‘resto’ ou de ‘parte maldita’, emprestada sem o dizer à ciência heterológica de Bataille” (Roudinesco, 1995, p. 208). Ou seja, estamos falando que o modelo de dispêndio empreendido por Bataille é algo que fundamenta o pensamento lacaniano ao tratar de elementos heterogêneos que não podem ser reduzidos ao campo imagético ou simbólico. Sendo assim, a constituição da noção de Real é necessariamente formulada através da compreensão de algo que é oculto, desvencilhado da nossa compreensão tradicional de mundo por não estar afeita ao modo de produção capitalista¹⁰. É aqui que podemos afirmar que a noção de gozo é, em termos bataillianos, algo da ordem do heterogêneo e um dispêndio psíquico, uma vez que o próprio Bataille alega que o inconsciente é algo que escapa a realidade homogênea (2021a, p. 245). Em outras palavras, essa leitura marcadamente batailliana da repetição empreendida por Lacan nos permite compreender esse prazer paradoxal como

[...] gozo marcado pela perda e pelo dispêndio, gozo marcado por aquilo que aparece como improdutivo, ao menos a partir da perspectiva do princípio de autoconservação do indivíduo e de suas demandas de amparo. *Nesse sentido, se podemos dizer que ‘na própria repetição há desperdício de gozo’ é porque a repetição é gozo de objetos desperdiçados. Objetos que, quanto mais se repetem, mais desvelam sua contingência; gestos que, quanto mais presentes, mais desvelam sua liberdade em relação aos fantasmas. Pois desperdiçar algo é uma forma de usá-lo livremente. Na verdade, só se goza o que se desperdiça, só se usa livremente o que pode ser desperdiçado e que não entra no cálculo utilitário do usufruto* (Safatle, 2016, pp. 396-397, grifos meus).

⁹ Importante ressaltar o fato de que, em Lacan, o Nome-do-Pai (*Nom-du-Père*) é um significante que identifica a pessoa a lei e, ao mesmo tempo, une o desejo a essa lei simbólica. Desse modo, a castração funciona como um processo de simbolização do desejo e de limitá-lo através da linguagem – elemento que não existe na teoria batailliana (Lacan, 1999c, pp. 276-277, 1999d, p. 305).

¹⁰ “Se Bataille é presente sem ser nomeado na elaboração do conceito do *Nome-do-Pai*, e se a heterologia aparece sem ser mencionada na noção de real, a representação batailliana da parte maldita *atravessa toda a doutrina de Lacan construída depois dos anos 1950*” (Roudinesco, 1995, p. 208, grifos meus).

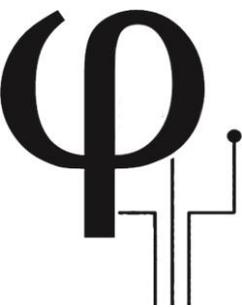


Em suma, estamos falando de um gozo que ultrapassa toda a esfera do cálculo utilitário do usufruto e que, conseqüentemente, é alheio a esfera do homogêneo a qual Bataille insistentemente criticou. Desperdiçar o gozo no interior da repetição é, nesse aspecto, redundância por essa última estar necessariamente ligada a uma dinâmica dispendiosa do indivíduo e que está atrelada à lógica dos processos de autoconservação do organismo. Se a perda é sinônimo de liberdade, isso significaria também que, em uma leitura batailliana, o gozo é algo que apresenta a possibilidade de desperdício sem entraves por ser inerentemente transgressivo. Sendo assim, percebemos o quanto a obra de Georges Bataille atravessa as conceitualizações lacanianas, uma vez que, por mais que o psicanalista em questão não cite o autor d’*O Erotismo*, fica explícita a sua apropriação ao nos debruçarmos sobre sua obra.¹¹ O conceito de gozo é, nesse sentido, completamente influenciado pelas teorizações bataillianas a respeito do dispêndio no interior do organismo, na cultura e na compreensão da economia geral. Em suma, de um lado, como afirma Christian Dunker,

De Bataille, [...] a influência [na obra lacanianiana] passará sobretudo *pelo tema do elemento não integrável ao sistema, seja dialético, econômico e social*. Traço comum em Bataille e aos demais membros do Colégio de Sociologia, como Roger Callois, *é a ideia de uma heterologia, ou seja, um discurso entre o literário e o científico, dirigido ao estudo do heterogêneo*. O acaso, o erotismo, a morte, a perda e o sacrifício são exemplos daquilo que não tem equivalente no universo social regido pelo valor de troca. *Excesso e perda são elementos disfuncionais do ponto de vista da razão utilitária. O interesse de Bataille pelo não dialetizável prefigura inclusive tematicamente a noção de gozo em Lacan: a lágrima, a contingência, o impossível, o obsceno, os excrementos, o riso, o místico-sagrado, a ‘cegueira da visão’ revelam sempre uma ênfase no ‘outro’ do sistema* (Dunker, 2020, p. 60, *grifos meus* e do autor).

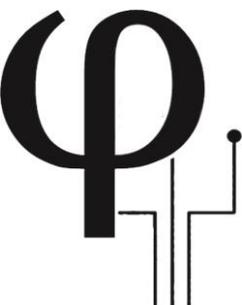
Nesse sentido, esse elemento completamente não integrável e estranho ao sistema socioeconômico e da ordem simbólica é o que mapeia o pensamento batailliano de forma a moldar essa heterologia tão estranha a uma razão utilitária, tornando essa noção a base da conceitualização do gozo presente no ensino de Jacques Lacan. Nesse sentido, tal elemento constituinte dessa parte maldita é responsável por exercer um fascínio alheio a perspectiva de meios e fins, bem como de apresentar diferentes paradoxos e aporias do uso, das trocas simbólicas e do consumo que se manifestam na obra de Georges Bataille e que sustenta também

¹¹ Apesar da grande importância das teorizações bataillianas na obra de Jacques Lacan, é importante notar que a única passagem que o mesmo cita – *de maneira velada* – alguma obra de Georges Bataille está no Livro XX, Seminário *Encore*. Na ocasião, o psicanalista francês se utiliza de determinadas passagens que foram analisadas mais atentamente por Lethier (2000).



as considerações lacanianas a respeito do objeto-causa do desejo, também conhecido por objeto a¹².

¹² “O heterogêneo como rejeitado e parte maldita de um estado social, exerce estranho fascínio responsável também pela comunhão profunda entre a lei e a transgressão. Bataille é um teórico e um militante das aporias do consumo, dos paradoxos do uso, da torção dos limites. Ele retoma uma tradição sombria do iluminismo, de Sade a Nietzsche, reunindo a argumentação antropológica numa espécie de contrapartida à teoria da reificação da consciência, que Luckács e a Escola de Frankfurt propuseram na esteira de um marxismo weberiano. É exatamente este estatuto do heterogêneo que domina genericamente a teoria do gozo em Lacan e especificamente suas considerações sobre o objeto a (Dunker, 2020, p. 60, grifos meus).



REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BATAILLE, G. *Visions of excess: selected writings 1927-1939* (v. 14). Minneapolis: University of Minnesota Press, 1985.
- BATAILLE, G. L'ambiguïté du plaisir et du jeu. *Les Temps Modernes*, v. 629, n. 1, p. 07-28, 2005. DOI: <https://doi.org/10.3917/lm.629.0007>.
- BATAILLE, G. A parte Maldita (1949). Em: BATAILLE, G. *A parte maldita*: precedida de “a noção de dispêndio”. Belo Horizonte: Autêntica, 2014^a[1933], pp. 36-167.
- BATAILLE, G. A noção de dispêndio. Em: BATAILLE, G. *A parte maldita*: precedida de “a noção de dispêndio”. Belo Horizonte: Autêntica, 2014^b [1933], pp. 19–33.
- BATAILLE, G. *O Erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021^a [1957].
- BATAILLE, Georges; REISER, Bruno; VARANDAS, Adriana. A estrutura psicológica do fascismo. *Remate de Males*, v. 41, n. 1, p. 238–267, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20396/remate.v41i1.8664633>.
- DEAN, C. J. *The self and its pleasures*: Bataille, Lacan, and the history of the decentered subject. Cornell University Press, 2016.
- DUNKER, C. I. L. *O cálculo neurótico do gozo*. 2a ed. São Paulo: Zagodoni, 2020.
- FOUCAULT, M. *Prefácio à Transgressão*. Em: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos III*: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001 [1963^a], pp. 28-46.
- FREUD, S. O Mal-Estar na Cultura. Em: FREUD, S. *Cultura, sociedade, religião*: o mal-estar na cultura e outros escritos. São Paulo: Autêntica, 2020^a [1930], pp. 305-410.
- FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. São Paulo: Autêntica, 2020^b [1920].
- HABERMAS, J. The French path to postmodernity: Bataille between eroticism and general economics. *New German Critique*, n. 33, p. 79–102, 1984.
- HEGARTY, P. *Georges Bataille*: Core Cultural Theorist. London: SAGE Publications, 2000^a.
- HEGARTY, P. Bataille, conceiving death. *Paragraph*, v. 23, n. 2, p. 173–190, 2000^b.
- JORON, P. *A Vida Improdutiva*: Georges Bataille e a Heterologia Sociológica. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- LACAN, J. *Les Séminaires de Jacques Lacan*. Paris: Association Lacanienne International, 1978.
- LACAN, J. Le Stage du Miroir comme formateur de la fonction du Je. Em: LACAN, J. *Écrits I*. Paris: Éditions du Seuil, 1999^a, pp. 92-99.
- LACAN, J. Fonction et Champ de la Parole et du Langage en Psychanalyse. Em: LACAN, J. *Écrits I*. Paris: Éditions du Seuil, 1999^b, pp. 235-321.
- LACAN, J. Subversion du Sujet et Dialectique du Désir. Em: LACAN, J. *Écrits II*. Paris: Éditions Du Seuil, 1999^c, pp. 273-308.
- LACAN, J. La Direction de la Cure et Les Principes de Son Pouvoir. Em: LACAN, J. *Écrits II*. Paris: Éditions du Seuil, 1999^d, pp. 62-123.
- LETHIER, R. Bataille com Lacan. *Psicologia USP*, v. 11, n. 1, p. 253-280, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/psicosp.v11i1.108090>.



- LIPPI, S. Transgression et violence chez Bataille et Lacan. *La clinique lacanienne*, vol. 10, n. 02, p. 245–262, 2005. DOI: <https://doi.org/10.3917/cla.010.0245>.
- LIPPI, S. *Transgressions: Bataille, Lacan (point hors lignes)*. Paris: Ramonville-Saint-Agne: Érès, 2008.
- LIPPI, S. Os percursos da transgressão (Bataille e Lacan). *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 12, n. 2, p. 173-183, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982009000200001>.
- MINGUY, T. Erotic Exuberance: Bataille's Notion of Eroticism. *PhænEx*, v. 12, n. 1, p. 34-52, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22329/p.v12i1.4736>.
- NOYS, B. *Georges Bataille: a critical introduction*. London: Pluto Press, 2000.
- ROUDINESCO, E. Bataille entre Freud et Lacan: une expérience cachée. Em: HOLLIER, Denis; DEGUY, Michel. *Georges Bataille après tout*. Paris: Belin, 1995, pp. 191-212.
- SAFATLE, V. *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- SAFATLE, VLADIMIR. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Autêntica, 2016.

